

**A CASA TOMBADA**  
**PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSU EM HISTÓRIAS E**  
**CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS NA**  
**EDUCAÇÃO**

**DENIS DIAS DE TOLEDO**

**PROFESSOR QUE CONTA:**

**A militância do encantamento.**

**São Paulo**  
**2021**

**DENIS DIAS DE TOLEDO**

**PROFESSOR QUE CONTA:**

**A militância do encantamento.**

**Artigo científico apresentado como Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de especialista em Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas na Educação apresentado à A Casa Tombada sob orientação do Prof. Ms. Arthur Iraçu A. Fuscaldo.**

**São Paulo  
2021**

**DENIS DIAS DE TOLEDO**

**PROFESSOR QUE CONTA:**

**A militância do encantamento.**

**Artigo científico apresentado como Trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de especialista em Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas na Educação apresentado à A Casa Tombada sob orientação do Prof. Ms. Arthur Iraçu A. Fuscaldo.**

**São Paulo, 10 de Agosto de 2021**

**EXAMINADORES**

Arthur Iraçu Fuscaldo

---

Giselda Pereira Lima

---

Giuliano Tierno de Siqueira

---

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos professores e mestres da vida que me incentivaram e contribuíram em minha formação profissional e pessoal, aos meus alunos que a cada dia me trazem novos questionamentos e me inspira a prosseguir na educação, aos meus familiares e companheira, pilares da minha caminhada e aos meus ancestrais que lutaram para que eu pudesse estar aqui.*

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.*

*Nelson Mandela*

**PROFESSOR QUE CONTA:**

**A militância do encantamento.**

**TEACHER WHO COUNTS:**

**The militancy of enchantment.**

**Denis Dias<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente trabalho visa discorrer sobre o processo de branqueamento, racismo estrutural, religioso e seu apagamento existencial advindos da agenda colonial e as consequências em uma família e em suas gerações. O artigo é resultado de uma pesquisa e resgate das minhas raízes para entender os desdobramentos do racismo na minha constituição familiar e consequentemente no meu corpo. E como a arte por meio da contação de histórias, o aquilombamento por meio dos coletivos e a educação ajudaram no processo de reconhecimento, pertencimento, representatividade, legitimidade e consequentemente no meu fazer como profissional da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo estrutural; Racismo religioso; Branquitude; Arte e Educação.

### **ABSTRACT**

This paper aims to discuss the whitening process, structural and religious racism and its existential erasure arising from the colonial agenda and the consequences in a family and its generations. The article is the result of a research and rescue of my roots to understand the unfolding of racism in my family constitution and consequently in my body. And how art through storytelling, the aquilombamento through the collectives, and education helped in the process of recognition, belonging, representativeness, legitimacy, and consequently in my work as an educational professional.

**KEYWORDS:** Structural racism; Religious racism; Whiteness; Art and Education.

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Infantil na Rede Municipal de São Paulo. Graduação: Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Mozarteum de São Paulo; Especialização em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Gráfico da primeira pergunta.....	12
<b>Figura 2:</b> Gráfico da segunda pergunta .....	13
<b>Figura 3:</b> Gráfico da terceira pergunta.....	13
<b>Figura 4:</b> Gráfico da quarta pergunta.....	14

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1-Em busca da visibilidade.....	10
2- O terreiro do encanto ao canto .....	15
3- A arte como resgate de ancestralidade e militância do encantamento .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
REFERÊNCIAS .....	25

## INTRODUÇÃO

Quem sou nessa história? Sou um homem negro nascido em São Paulo, porém morei em Guarulhos e aos seis anos mudei para a favela da fonte no Jardim Felicidade, Zona Norte de São Paulo. Filho de Roseli e David, neto de Nanci e Roque Dias avós paternos falecidos que não conheci, avós maternos Sebastiana (viva) e Gilvan (falecido), mas que tive a honra de conhecer e compartilhar boas histórias, não histórias lidas, mas histórias vividas. Meus bisavôs paternos são Cizarina e Gabriel Dias que também não conheci. Minha Bisavó materna Benedita é viva e a única de pele clara e cabelos “lisos”, minha vó não fala de meu biso, a única história que ela me contou quando perguntei dele, foi que ele a agrediu com uma faca e fugiu, mas, ela não quis se prolongar mais, muito menos falar seu nome, acredito também que ela não gosta de falar dele, pois a fala dela ao iniciar foi: “Aquele nego safado me bateu e fugiu”, talvez um mecanismo de defesa ou para esquecer mesmo dessas violências.

Meus tataravôs paternos são Lucas e Firmina, a Tata Firmina foi escravizada até os quinze anos de idade e sempre andava de branco como se fosse uma baiana, esta é uma pista que irei buscar para saber de qual etnia africana ela herdou ou trouxe esses costumes e assim poder aprofundar mais no conhecimento de meus ancestrais. O tata Lucas, mesmo sem eu ter conhecido deixou muitos ensinamentos que aos poucos estou compreendendo ao conversar com alguns parentes. Eu desde pequeno sempre fiz capoeira, mas nunca entendi o tamanho da ancestralidade desta luta/dança/jogo e o tata Lucas era capoeirista, participou das primeiras rodas de capoeira na Praça da Sé, sempre andava com um terno branco e pregava aos seus filhos andar da mesma forma e dizia a eles que a capoeira era a forma de resistência e assim ensinou a todos.

Não consegui ainda identificar onde essa força e esse lema se perdeu, pois a capoeira chegou a mim como uma forma de não ficar jogado na rua sujeito a cair na criminalidade ou nas drogas e dentro do próprio grupo de capoeira naquele tempo era esse mesmo viés que perpassava as aulas. Na minha família, nem meu pai sabia das histórias de como era meu Tata Lucas, sou o único praticante de capoeira da família e só agora vejo a força que ela tem, fui privilegiado de poder dar continuidade a essa geração na família, talvez se meu pai tivesse tido oportunidade quando jovem também teria feito.

Para tanto, o caminho foi longo, especificamente duas décadas em busca de visibilidade, entendendo as engrenagens do racismo estrutural, vivendo com ele a cada dia, mas, sem me colocar nesse lugar, talvez pelo fato de ter a pele mais clara que meus familiares, pela ausência deste conhecimento entre os familiares, pela falta de discussão da temática na escola, pela falta de acesso à arte e à cultura, em suma podemos simplificar dizendo que talvez foi: “pela falta”.

## 1-Em busca da visibilidade

Sou filho de pais negros, sendo meu pai negro de pele retinta e minha mãe negra de pele não retinta, até pouco tempo se auto declaravam pardos, reflexo esse do racismo estrutural que nos atravessa até hoje, onde muito de nós negros buscamos o embranquecimento para sermos aceitos. Parafraseando Fanon (2008) buscamos nos embranquecer como estratégia de sobrevivência, o que nós negros queremos é ser humano. E se ser humano é ser branco, então branco é o que tentaremos ser e é esse sistema que vem dar nome a obra *Peles Negras, Máscaras Brancas*, e que hoje me ajuda entender esse processo de negritude que parece um pouco distante de meus familiares, onde ainda somos alvos desse sistema racista estrutural e institucional.

Minha mãe há três décadas atrás era ajudante de costureira, trabalhou por um ano e meio aproximadamente nesse ramo e passou a ser diarista, função que exerce até hoje. Como era a mais velha de quatro irmãs teve que começar a trabalhar cedo para ajudar em casa. Meu pai já fez de tudo, mas, grande parte desta vida foi motorista de carreta, voltava para casa só aos finais de semana, ele perdeu a mãe aos oito anos e ao mesmo tempo o meu avô o abandonou, onde passou a ficar em um internato, depois em casa de tias, depois nas ruas, becos, vielas e em carros. Os dois vindos de famílias pobres e situações adversas chegaram a ser catadores de material reciclável durante algum tempo para garantir o seu sustento e da família.

Essa condição familiar garantiu que meu pai estudasse até a antiga 6ª série e minha mãe até a 8ª série, porém ela adulta concluiu o ensino médio, diferente de meu pai que pelo seu machismo muitas das vezes não permitia que ela fosse para a escola. O racismo estrutural, as más condições sociais que estão intimamente relacionadas, o difícil acesso à cultura, fizeram com que as discussões étnico raciais, como empoderamento e representatividade não chegassem até o nosso lar.

Diante deste breve relato, me deparo com a perversidade com que o racismo/colonialismo/colonialidade instaurados em nosso tempo ditam os padrões de nossa vida, como nos vestimos, andamos, padrões de cabelo, beleza, apontados também por Fanon (2008) em sua obra.

Até os meus treze anos de idade eu precisava cortar meu cabelo tigelinha, se aparecesse em casa com o cabelo raspado minha mãe brigava comigo alegando que estava parecendo bandido, isso servia para mim, meu irmão e meu pai. Meu cabelo é crespo e este não podia crescer, o corte sempre deveria ser “tigelinha” (raspado do lado e altura três em cima), neste aspecto até que achava bom, pois para mim meu cabelo era ruim, quando faltava dinheiro e o cabelo crescia, usava boné, pois meus colegas de escola me chamavam de cabelo de bombril, de *pixaim*, isso me desmotivava e não me dava animo para ir à escola, os professores não sabiam lidar com a situação, diziam apenas para não ligar, por que eles só estavam brincando. A falta

da intervenção dos professores nessas temáticas sejam elas raciais ou não pode ser determinante no processo de desenvolvimento dos estudantes.

De acordo com Munanga:

[...] o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado [...] (MUNANGA, 2005, p.16).

Posso dizer que tive alguns prejuízos por falta destas intervenções, pois a angústia, o medo e a revolta me acompanhavam quase que todos os dias e viver assim não ajuda você a desenvolver o máximo que pode suas capacidades, mas não estudar, nunca foi uma opção, o fato de meus pais elogiarem minhas notas era um dos poucos momentos que eu era visto por eles. E por isso aguentei esses ataques durante algum tempo, mas, nunca quis levar essa situação para casa, pois, eles já tinham muitos problemas, meu pai só vinha para casa de final de semana e minha mãe trabalhava o dia inteiro e durante muito tempo eu tive muito medo dela, sendo assim, quando não aguentei mais as ditas “brincadeiras” comprei um alisante na farmácia para alisar o cabelo. O cabelo não ficou liso, mas, ficou grande e cacheado, e este, foi aprovado por minha mãe, entre química, boné e calvície hereditária, a partir dos dezesseis anos começo a perder meus cabelos.

Esse “embranquecimento” se repetiu com minha irmã, minha mãe sempre usou produtos para alisar os cabelos e com a minha irmã não foi diferente, ela devia admirá-la pelos seus cabelos lisos, só que como não tínhamos muito dinheiro, ela aprendeu um método mais fácil com as minhas primas, o ferro de passar virava uma chapinha e uma passava no cabelo da outra a ponto de muitas vezes queimarem o couro cabeludo ou o próprio cabelo. Quando tiveram condições elas compraram uma chapinha. E conforme foram crescendo foram aderindo as famosas progressivas para se enquadrarem no sistema, para serem aceitas e vistas.

Mesmo com os meus cabelos cacheados as agressões continuavam na escola, na rua e em outros espaços. Era cabelo duro, macaco de cabelo de miojo, nariz de batata, ladrão de oxigênio e eu acabei aprendendo a conviver com isso, pois parar de estudar não era uma opção, meus pais sempre diziam que a vida era difícil para quem não estudava e se eu quisesse ser alguém na vida eu precisava estudar.

Em minha família nunca houve discussão sobre racismo, representatividade, Dia da Consciência Negra ou qualquer outra discussão correlacionada às relações étnico raciais, até eu mesmo não conseguia identificar para poder nomear o racismo e o machismo que perpassou a minha vida e a minha constituição familiar. Este silenciamento é umas das armas mais potentes do racismo contra a população negra e seu projeto de embranquecimento, ao fazer com que pessoas negras não se reconheçam como tal. Esta falta de discussão familiar é reflexo deste

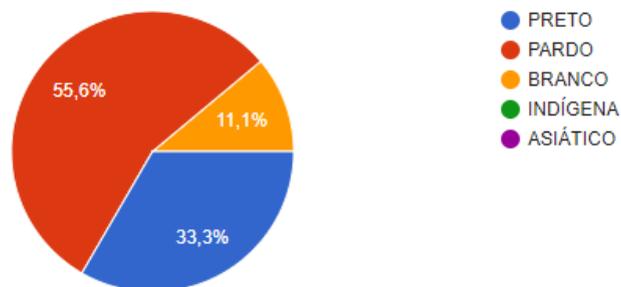
silenciamento, mas também pode ser um mecanismo de defesa, forma de proteção, não falar sobre suas dores com a esperança das pessoas esquecerem. A ausência da discussão e empoderamento é resultado desta engrenagem que gera a não aceitação ou reconhecimento por parte da criança em relação a sua cor e isso vai lhe acompanhar e prejudicar por toda a sua vida conforme aponta Munanga:

“é a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático [...] que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição a sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana “(MUNANGA, 2005, p. 120)

Fui o primeiro da minha família a se formar em uma faculdade e não me orgulho disso, pelo contrário, fico triste, muitos deles se quer concluíram o ensino fundamental, mas, ainda assim com as suas dificuldades sabem ler e escrever, então com a finalidade de tentar constatar e entender o prejuízo na identidade das crianças negras da minha família ao logo das gerações conforme apontado por Munanga e para auxiliar na escrita deste artigo ajudando-me a entender até onde o racismo estrutural chega a ponto de não nos reconhecermos como negros, apliquei um formulário com nove familiares negros. A primeira pergunta foi:

COM BASE NA AUTODECLARAÇÃO VOCÊ SE CONSIDERA RACIALMENTE:

9 respostas



**Figura 1:** Gráfico da primeira pergunta.

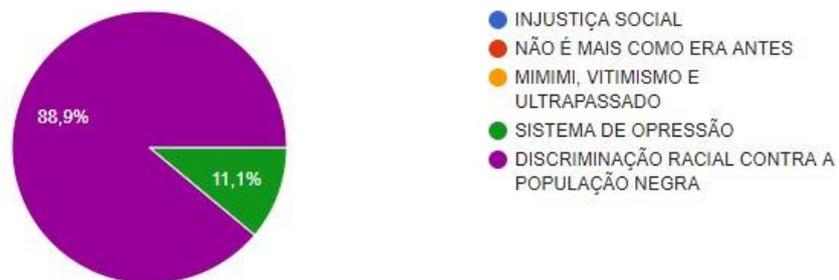
O resultado desta pergunta me faz entender um pouco do porquê fui me identificar como negro apenas aos vinte e dois anos de idade e como a geração depois de mim também está no mesmo caminho. Quando jovem sempre achei que toda vez que eu era seguido por um segurança ou vendedora no supermercado, perfumaria, shopping ou numa loja era por que estava mal vestido, então comecei a trabalhar desde os onze anos de idade para poder comprar uma roupa e tênis de marca. Para chegar nisso, levou muito tempo, até que enfim consegui comprar as roupas que aparentemente a sociedade exigia para ser aceito e ser visto. E durante algum tempo vivi com essa ilusão. Até que percebi que essas ações continuavam, *enquadros* policiais questionando as minhas roupas, pessoas atravessando para o outro lado da rua quando me viam, e as perseguições nos espaços já mencionados acima continuavam.

O projeto de embranquecimento chegou de forma assertiva no seio familiar a ponto de um parente ter se autodeclarado branco e ainda que três pessoas se autodeclararam negras, esta concepção não está em seu discurso e isso atravessa as demais gerações que cada vez mais não se reconhecem como negros e vão acabar tendo essa consciência tardiamente. Continuam sendo alvos do racismo, mas provavelmente não conseguem ou não querem nomeá-lo.

Diante disso, me pergunto se meus familiares sabem o que é esse racismo que nos atravessa:

PARA VOCÊ, O QUE É RACISMO?

9 respostas

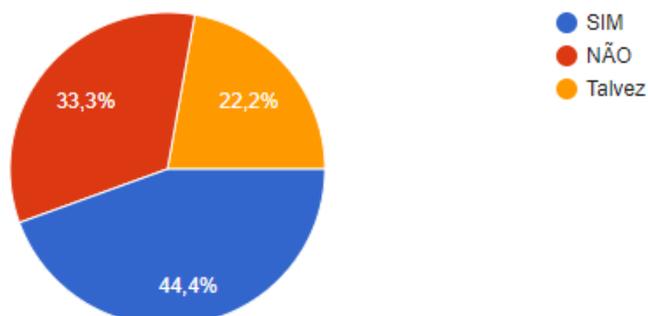


**Figura 2:** Gráfico da segunda pergunta.

E a resposta conforme gráfico acima é que sim, aparentemente não existe a falta desta informação no seio familiar, mas ainda necessitei ir mais além e saber se eles conseguem identificar o racismo estrutural que está instaurado em nossa sociedade e que nós negros estamos atravessados e sofremos todos os dias, para isso pergunto:

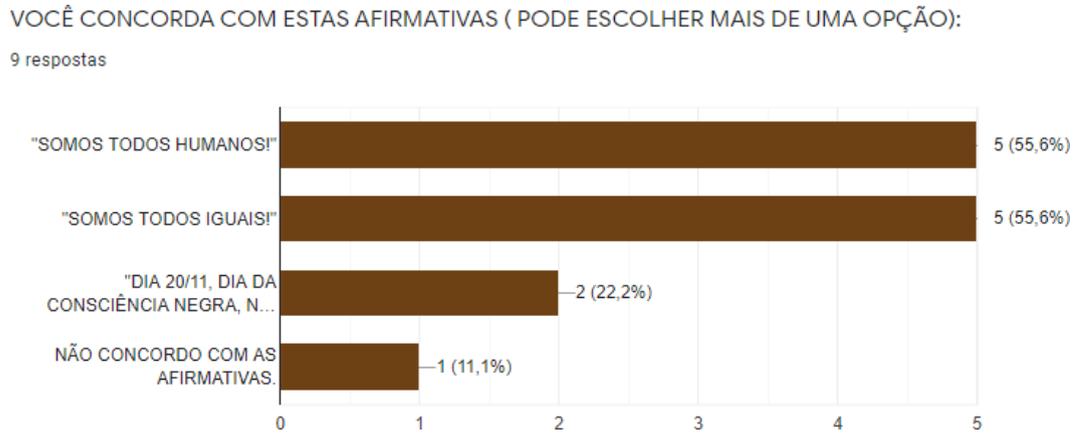
VOCÊ JÁ FOI VÍTIMA DE RACISMO?

9 respostas



**Figura 3:** Gráfico da terceira pergunta.

Quatro responderam que sim, duas responderam que talvez e três disseram que não, a parcela que consegue identificar atos raciais me alivia, mas não me conforta, elas podem ter sofrido racismo, porém, não veem essa agressão como algo ligado à sua cor e isso podemos constatar no gráfico abaixo:



**Figura 4:** Gráfico da quarta pergunta.

O fato da maioria responder que somos todos iguais, somos todos humanos e que não deve ter dia da Consciência Negra, mas, sim dia da consciência humana mostra o quanto o projeto de embranquecimento foi consagrado na sociedade e conseqüentemente nos meus familiares que deslegitimam em suas respostas as pautas as quais deveriam estar em seu discurso, lutando contra a perpetuação de estereótipos, discriminações e a subsistência dos privilégios provenientes da colonização e escravização de pessoas negras que estão postos em nosso cotidiano. Segundo Almeida, o racismo opera de forma ideológica porque entende que a ideologia ocorre como uma prática social que tenta representar uma determinada realidade. No entanto, a representação que conhecemos não é a realidade, mas uma elaboração em torno de normas e padrões que não refletem a realidade.

A partir da perspectiva do autor uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Mesmo que o racismo estrutural seja perceptível no cotidiano e materializado na desigualdade social, ainda assim, parece ser imperceptível para algumas das suas próprias vítimas e isso podemos observar no Informativo do IBGE, de 2019, as desigualdades sociais do ano de 2018, por cor ou raça, se manifesta da seguinte maneira:

Mercado de Trabalho: cargos gerenciais 68,6% é ocupado por pessoas brancas, enquanto 29,9% é ocupado por pardos e negros. Distribuição de renda e condições de moradias: pessoas abaixo das linhas de pobreza, inferior a US\$, 5,50/dia, 15,4% se refere à raça branca e 32/9% à raça preta ou parda. Inferior a US\$ 1,90/dia são de 3,6% e 8,8% respectivamente. Violência: a taxa de homicídio, por mil jovens, em 2017, para a população branca totaliza-se 34, enquanto para a população preta ou parda, esse montante equivale a 98,5. Educação: a taxa de analfabetismo equivale a 3,9% da população, enquanto essa taxa equivale à 9,1% para pessoas pretas ou pardas. Representação política: dos deputados eleitos em 2018, 24,4% eram pretos ou pardos, enquanto essa porcentagem para pessoas brancas é de 75,6% (IBGE, 2019).

Esta é a realidade de grande parte da minha família, nenhum de nós está em um cargo de chefia, minhas tias, primas junto de minha mãe são diaristas até hoje, meus tios ou são motoristas, outros desempregados e outros entregadores. A geração dos anos 2000, que vem depois da minha, até que está melhorando, tenho uma prima com formação em Engenharia, porém, é gerente de loja, uma outra prima seguiu meus passos e se formou em pedagogia dando aulas em escola particular atualmente e eu sou formador na prefeitura de São Paulo. Entretanto, ainda existem lacunas deixadas pelo sistema opressor e colonial. A tarefa mais difícil é como lidar com esses vazios deixados?

## **2- O terreiro do encanto ao canto**

Menino crescido em comunidade simples, fazia capoeira, porém para mim era mero lazer, não entendia a ancestralidade que ela carrega, talvez pelo fato de na escola o pouco que se falava era relacionado a algo ruim como a escravidão, também tinha o fato de alguns amigos e seus pais terem um certo preconceito dizendo que era coisa de macumba e este ser da “macumba” para mim até então nunca teve essa conotação ruim, pelo contrário ir para o terreiro era uma aventura.

Durante a semana, ficava aguardando ansiosamente a chegada do sábado, pois, era mágica a viagem até a zona leste de São Paulo. Primeiro pegávamos um ônibus até as imediações do Largo da Concórdia. Eu ia nos ombros do meu pai e meu irmão de mãos dadas com a minha mãe. Chegando lá, caminhávamos um pouquinho até o outro ponto onde pegávamos um ônibus diferente que era tipo uma espaçonave, bom, pelo menos era isso que eu imaginava. Tratava-se de um ônibus com antenas ligadas a um fio que percorria um longo trajeto. O destino era o bairro de São Mateus, lá ficava a casa de meus padrinhos de batismo e também o lugar onde a ciência encantada acontecia. O chão era batido de terra, onde podíamos andar descalços e sentir o chão, recordo que tinha algumas paredes feitas de bambu e às vezes uns gravetos se deslocavam e aquilo era como se fosse uma varinha mágica. O baforar da fumaça do cigarro de palha do baiano, do cachimbo dos pretos velhos, os banhos de ervas, o

banho de pipoca, as oferendas (também conhecido por despachos, pratos típicos feitos para agradar determinado orixá), as velas, o ponto riscado, os atabaques, tudo era magia totalmente fora da minha realidade. Era como as palavras de Rufino e Simas (p. 13, 2018):

“Para nós, o Brasil que nos encanta é aquele que se compreende como terreiro. É aquele em que praias dão lugar a cidades encantadas onde rainhas, princesas e mestres transmutaram-se em pedras, árvores, braços de rios, peixes e pássaros. No Brasil terreiro, os tambores são autoridades, têm bocas, falam e comem. A rua e o mercado são caminhos formativos onde se tecem aprendizagens nas múltiplas formas de trocas. A mata é morada, por lá vivem ancestrais encarnados nas mangueiras, cipós e gameleiras. Nos olhos d’água repousam jovens moças, nas conchas e grãos de areia. vadeiam meninos levados.” Rufino e Simas (p. 13, 2018)

E era nesse encantamento do terreiro que desde pequeno me fascinava. A batida no couro dos atabaques se alinhava com as batidas do meu coração e eu parecia querer flutuar numa imensidão de vibrações rodopiando pelo vento. Com galhos, riscava a terra reproduzindo os pontos riscados com pomba (giz) pelas entidades, mesmo sem saber o seu significado, era a minha forma de ajudar alguém também, para mim ali era o lugar onde as pessoas iam buscar algum tipo de cura e mesmo pequeno isso me era evidente.

Ver as entidades manifestando, cuidando e trazendo seus ensinamentos era algo de outro mundo. Claro que muitas coisas eu não entendia, mas, sempre observava. O que eu mais gostava de ver e de conversar era com Pai João, preto velho que viveu a escravidão em vidas passadas, me dizia nas giras do terreiro: “Gi fio, canta minha história”. Naquele tempo não entendia, tinha apenas onze anos e já vadiava nas rodas de capoeira, mesmo assim não entendia. Pai João tinha a voz fraca e pouco se entendia do que ele falava. O seu andar era sofrido, corpo curvado, braços e pernas tremiam e para sentar necessitava de ajuda e ali ficava com seu cachimbo na mão.

Em quase todas as giras que ele vinha, ele pedia “Gi fio, canta minha história” até que um tempo depois percebi que ele queria que eu cantasse as ladainhas e cantigas da capoeira, naquele tempo parecia uma maneira de lembrar, porém, eu não entendia o porquê ele sempre pedia, até que na penúltima vez que nos vimos, ele falou: “Gi fio, é preciso cantar para lembrar, tu ainda a de cantar, as nossas histórias por muitas luas”. Aquilo me marcou, contudo, o tempo foi passando e o encanto e interesse por toda essa magia foi se esvaindo a ponto da fala de Pai João cair no esquecimento.

Vários fatores favoreceram a isso, o racismo religioso já impregnado na sociedade foi o principal deles, lembro que uma vez na antiga quarta série meus colegas de sala estavam conversando sobre ter ido à missa, que estavam fazendo catequese e crisma. Até que fui questionado sobre a minha religião. Eu disse que frequentava um terreiro de Umbanda e de imediato começaram a me chamar de macumbeiro como se estivessem “brincando”. Em pouco

tempo, todos da sala já estavam sabendo. Naquele momento eu percebi que as pessoas não precisavam saber da minha vida religiosa e passei a sempre dizer que era católico o que não deixava de ser verdade pelo fato de meus pais frequentarem a missa uma vez por mês também.

Era sempre assim, as guias de proteção passaram a ficar mais escondidas (conselho esse de uma professora). E se alguém visse parte dela no pescoço tinha que ter uma desculpa pronta, como: “Não! É um colar que ganhei de presente.”. Mas é claro que nem sempre acreditavam e muita das vezes eu era excluído dos grupos. Foi a escola que começou a romper com esse encanto pelo terreiro que eu queria levar para o mundo quando pequeno, mas esse ambiente me forçou não ter orgulho de minha religião, pelo contrário, o que passei a ter foi vergonha e medo. É um mecanismo de defesa que criei e que muitas crianças criam para fugir destes ataques conforme reflete Stela Caputo (2012:

“a maioria destas mesmas crianças, ao serem discriminadas, sentem vergonha e inventam formas de se tornarem invisíveis. A principal delas é esconder os artefatos religiosos, os preceitos do culto, a fé, a cultura. Isso acontece em diversos espaços, mas, de acordo com os depoimentos, a escola é “o pior deles” (CAPUTO, 2012, p.197).

É na escola que a criança na maioria das vezes tem o primeiro contato com os diferentes tipos de racismo e grande parte das vezes os professores não estão preparados para lidar com essa situação e em algumas escolas ainda se reza a oração do Pai Nosso antes das refeições.

E isso não parou na escola, muitas vagas de emprego foram perdidas por declarar minha religião e muito provavelmente com o conjunto da obra em não atender os padrões estéticos desejáveis. Lembro-me de uma entrevista para concorrer a uma vaga de auxiliar administrativo em uma escola particular. Estava tudo ocorrendo bem a entrevistadora comentou que eu articulava bem, tinha domínio com informática e que me enquadrava na vaga, contudo, ao ler o formulário ela perguntou: “Você é da Umbanda?” eu disse que sim e que se tinha algum problema. E ela falou que não, no entanto, espero até hoje a ligação com o resultado da entrevista.

Na primeira entrevista que coloquei católico no formulário passei para as próximas fases de seleção, conforme nos lembram Simas e Rufino, “a agenda colonial produz a incredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 11), frequentar uma religião de matriz afro-brasileira me descredenciava quase que de imediato para concorrer a vaga e mais uma vez naquele tempo tive que criar mecanismos de defesa para me enquadrar nos padrões aceitos pela sociedade e poder conseguir trabalhar.

Toda essa padronização a qual nossa sociedade foi moldada sob uma lógica eurocêntrica, perversa e dominante cujo poder é hegemonicamente branco me atingiu com êxito até os meus vinte e dois anos. Após o encontro com a arte e a cultura, a cortina que estava sobre meus olhos para não enxergar essa obscuridade do racismo que me cercava foi se esvaindo, a arte veio como um sopro resgatando minha dignidade, representatividade e a minha ancestralidade.

Passei a me ver e me entender como ser negro e a dar nome a todas as injustiças que sofri ao longo do tempo. Deixei de ter medo e vergonha da minha religião assumindo essa ancestralidade e sua importância na constituição do meu ser, mesmo que no momento não tenha um lugar para ser cuidado, estou sendo cuidado por minhas entidades que me acompanham. Entendendo isso, comecei buscar mais a respeito e a fazer algo que não tinha o hábito de fazer: comecei a ler. Mesmo com dificuldade, ao ler e olhar de forma diferente para o mundo tinha algo no meu ser que gritava para não deixar outras crianças passar pelo que passei e a arte-educação surge como ponte para atender esse chamado.

### **3-A arte como resgate de ancestralidade e militância do encantamento**

Aos vinte e quatro anos de idade me formei em pedagogia, já dava aulas antes por ter me formado no magistério e nos dois processos tive bons professores, ainda assim, a formação e discussão em relação à história dos povos originários foram abordadas de forma bem superficial, contudo, tive a oportunidade de conhecer outros espaços culturais por meio das atividades complementares como museus, teatros, exposições de artes, feiras, etc. E esse fator começou a ampliar interesses que pareciam estar guardados, dando-me vontade de ler mais sobre, mas não posso deixar de frisar que grande parte desse interesse em arte e cultura devo também a minha companheira, professora e atriz Nathalia que me incentivou e me apresentou ao universo da arte e da cultura.

Lembro que no segundo ano do magistério tivemos a visita da dupla de contadores de histórias chamados de “Sansakroma” e eles narraram à história “O Macaco e o Tambor” que é um conto de origem africana e aquilo me chamou muita atenção que até comprei um livro deles que se chamava “Nzuá e o arco-íris” um livro que tenho até hoje, mas confesso que as demandas de trabalho, escola e o baixo conhecimento sobre cultura dos povos originários não me fizeram ir mais a fundo nesta época.

Quando me formei e fui lecionar, comecei a perceber o quanto as coisas não haviam mudado desde o tempo em que eu era aluno. Nas escolas, ainda se via um trabalho muito raso de empoderamento, representatividade, valorização e conhecimento das histórias e culturas dos povos originários. As professoras liam o livro “Menina bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado e achavam que já tinham contemplado a lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira” dentro das disciplinas, mas a meu ver, isso não é o suficiente, a educação é o principal caminho para a emancipação de jovens, bebês e crianças. Neste sentido, selecionar, analisar e fazer uso de maneira propositiva de literaturas potentes é papel fundamental dos professores para garantir uma educação pautada na equidade e não simplesmente ler um livro que na minha concepção já passou de seu tempo.

A lei 10.639/2003 é fruto de muitas lutas, de muitos corpos negros e vemos atualmente que ela ainda não está sendo suficiente, talvez pelo fato de os professores não possuírem essa consciência e acharem que estas discussões são os famosos “mi mi mi” e isso é o primeiro grande obstáculo, uma vez que a educação é o caminho para essa desconstrução como diz Munanga:

“[...] Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados.” (MUNANGA, 2005, p.17).

A escola é o lugar de maior acesso às famílias para mandarem seus filhos para adquirirem esses conhecimentos e é papel do professor ser capaz e sensível de desconstruir nos educandos estes estereótipos, mitos, preconceitos e discriminações destes futuros cidadãos da nossa sociedade conforme o autor complementa:

“Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.” (MUNANGA, 2005, p.15)

Muito do que presenciei, vai ao encontro com conceitos e preconceitos por parte dos próprios profissionais, nas formas de pensar e agir, de escolher materiais, livros e da pouca iniciativa em buscar parceria com aqueles que já desenvolvem um trabalho com a temática, mas

a questão está ligada também a ausência de formações por parte das instituições educacionais que de certa forma até promove formações, porém não consegue atender a maioria de seus profissionais, bem como fazer o mapeamento e acompanhamento das unidades que necessitam de suporte formativo para desenvolver uma educação com os princípios da equidade, inclusão e integralidade

Ao me deparar com esse cenário nas escolas tive a plena convicção de que precisava fazer algo diferente do que estava acontecendo nas escolas e fui procurar alguns cursos de contação de história para ver se conseguia chegar a mais crianças e mais adultos da mesma forma que aqueles contadores de histórias no tempo do magistério e outros artistas que fui conhecendo ao longo de minha trajetória chegaram até mim.

Mesmo sem nenhum curso eu já contava histórias de diversas culturas, promovia atividades com temáticas de gênero e étnico racial para minha turma, mas, era sempre com muita insegurança, por isso decidi estudar. Em umas dessas buscas, fiz um curso de contação de histórias no Senac e em meio ao curso a minha professora disse: “Não sei se você acredita, mas já lhe avisaram há muito tempo que você ia cantar muitas de nossas histórias, então acredite”. Aquilo mexeu comigo de um jeito que me arrepiei e a fala de pai João veio novamente pela magia do encantamento da palavra. Como diz Hampâté Bâ “Palavra é vida”, foi uma confirmação de que eu estava no caminho certo.

Desta forma, passei a buscar mais especializações, a conversar com pessoas que já estavam na militância há mais tempo, contadores de histórias africanas e afro-brasileiras e professores que também fazem as movimentações em suas escolas para garantir que todas as histórias sejam acolhidas e representadas, levando as histórias de nossos ancestrais e entendendo de onde vim e quem sou no mundo e assim ajudar a aqueles que passam por mim também.

O processo tornou-se mais significativo quando vi os frutos do trabalho dando resultado, lembro que em 2018, uma aluna chamada aqui de Hilary de três anos de idade da sala do lado em que eu dava aula, estava com dificuldades. A professora me procurou dizendo que a Hilary não queria tirar a touca de jeito nenhum e isso já durava algum tempo. A professora relatou que a mãe tinha uma filha branca de cabelo liso e a Hillary era negra de cabelo black. De cara, pude imaginar o que estava acontecendo e questionei a minha companheira de trabalho sobre as condutas que ela tinha tomado, e ela informou que conversado com a Hillary e a elogiou, mas, que não teve sucesso, pois ela não sabia lidar com essa situação.

Perguntei para a Hilary se ela podia e queria ficar na minha sala aquele dia e ela disse que sim e minha companheira concordou. No primeiro dia, li o livro: “O Mundo no Black Power” de Tayó da autora, Prof. Dra. Kiusam Regina de Oliveira, antes de contar a história fiz a leitura das imagens com a turma explicando que era a história de uma princesa, durante a narração coloquei a Hilary como a protagonista da história me ajudando a encenar toda a história. No decorrer da história ela esbanjou um sorriso e tirou a touca que vestia para podermos colocar, as fitas, borboletas e coroa. Ela passou o dia todo sem a touca, porém, na hora de ir embora ela colocou novamente o acessório. No dia seguinte, ela retornou e ao chegar à sala guardou a touca na mochila e perguntou se ela poderia contar a sua história para os amigos claro que eu disse que sim, do seu jeito lendo as figuras ela contou e os amigos ficaram ali admirando e querendo ajudá-la a contar, foi mais um dia que ela passou sem a touca.

No dia posterior ela faltou e no outro já não ficou mais na minha sala. Passou uma semana e ela chegou correndo pelo corredor com o cabelo trançado toda feliz e me deu um abraço dizendo que a mamãe tinha penteado o seu cabelo, mas que o cabelo dela era lindo de qualquer jeito, pois, no *black* dela pode caber o mundo.

Esse foi um de alguns resultados que tive nesse pouco tempo de magistério na educação infantil, mas, que fazem toda a diferença. Mesmo diante de tais experiências, não me sentia preparado para ajudar e dar o suporte que os companheiros precisavam como no caso dessa professora que me veio pedir ajuda. Claro que tinha e tenho, muito a aprender, mas, grande parte dessa insegurança é o resultado do silenciamento que o colonialismo fez com nossos corpos a ponto de não nos sentirmos validados para tal e qualquer discussão onde ficamos em uma posição constante de inferioridade como aponta Carneiro:

“O papel estratégico que a escola formal vem desempenhando no Brasil, na reprodução de uma concepção de sociedade ditada pelas elites econômicas, intelectuais e políticas do país. Nesta concepção, raça e cultura são categorias estruturais que determinam hierarquias que só podem ser plenamente legitimadas, se puderem – por meio da repetição sistemática e internalização de certos paradigmas (dos quais as teorias racistas são decorrentes) –, instituir e naturalizar em uns, uma consciência de superioridade, e em outros, uma consciência de inferioridade.” (Carneiro, 2005, p. 106)

Para sair dessa condição de inferioridade foi e ainda é muito difícil, no entanto, encontrei nos coletivos uma forma de fortalecimento e entendimento de que não estou sozinho, primeiro foi no *Ayó* - Encontro Negro de Contadores de História no Rio de Janeiro, lá pude conhecer contadores que eu admirava de longe, pude aprender por meio da troca, por meio do afeto e esses frutos colho até hoje. Conhecendo mais e mais contadoras e contadores, mestres de capoeira, mestre jongueiro, indígenas e professores da vida que também conheci no curso de

pós-graduação da Casa Tombada que me fortalecem na tradição da oralidade e me dão forças para poder contar histórias de meus ancestrais não só na minha sala de aula, mas em outras escolas e espaços culturais.

Passei a contar histórias de forma voluntária em escolas e a dar formação básica a partir das minhas experiências com cantigas, histórias e brincadeiras africanas para professoras que tinham as mesmas dificuldades que tive e ainda tenho, mas que estamos juntos trilhando esse caminho. As formações pautadas no currículo vívido a partir das experiências tem trazido grandes resultados de trabalhos em outras unidades, onde pude perceber que outras meninas e meninos como a Hillary pudessem receber uma educação que pesasse em suas subjetividades, ainda que devagar sinto que estou no caminho certo.

A arte de contar histórias renovou a forma de como vejo o mundo: a não ter medo de dizer quem sou, qual religião sigo, que roupa ou cabelo tenho. E isso reverbera diretamente nos meus alunos, pois, trago representatividade potente para eles desde meu corpo, até a minha fala. Através da arte consegui produzir vida e sentido para mim e para os meus, em meio à perversidade em que nos encontramos nessa sociedade em relação ao meu povo. Essa militância, que chamo de militância do encantamento e que adotei de Kiusam de Oliveira é a que eu quero deixar para os que vierem depois de mim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fala de Pai João me faz lembrar o provérbio Iorubano “Exu matou um pássaro ontem, com uma pedra que só jogou hoje”, e parafraseando Emicida, penso que estamos correndo atrás de corrigir os problemas que vieram antes da gente chegar. Esse sistema hegemônico branco e eurocêntrico foi criado para nos invisibilizar, para nos matar, para nos oprimir a ponto de perdemos nossas raízes. E para que isso não aconteça, nós educadores precisamos nos armar e nossa arma é a caneta, nosso escudo são os livros e nossa voz é a nossa lança.

Analisando essa trajetória de não se entender como homem negro e agora estar no centro formativo com as frentes de relações étnico raciais, ciências humanas e educação infantil, na DIPED – Divisão Pedagógica – Prefeitura de São Paulo, percebo a importância da educação, da arte e da cultura na formação dos profissionais da educação.

Para que a minha história e de muitos outros irmãos não se repita com outras crianças e adolescentes, nós professoras(es) precisamos deixar de lado nossos achismos e pensamentos do senso comum e estar em busca de uma formação continuada potente, que promova a desconstrução em nós mesmo fazendo com que essas discussões estejam presentes no cotidiano das unidades educacionais de forma potente e assertiva. Para tanto também se faz necessário a articulação de estratégias que garanta formações de qualidade e acompanhamento específicos para todos os profissionais da educação por parte das instituições que administram e acompanham as unidades educacionais. Como diz Munanga (2005) a maioria de nós educadores recebemos uma educação e formação acadêmica eurocêntrica e que podemos, em virtude desta, reproduzir consciente ou inconsciente os preceitos que nos atravessa codianamente.

Desta forma estes poderão levar de forma propositiva e consciente propostas para jovens, bebês e crianças que acolham todas as narrativas, garantindo que estes não tenham a visão da história única do homem branco europeu que está posta na sociedade e possam se sentir representados e capazes de almejar o que quiserem, bem como para serem cidadãos críticos e lutar por esses direitos.

O autor ainda nos alerta que se na escola os estudantes podem aprender a ser preconceituosos, machistas, sexistas e homofóbicos, a escola também pode mediar a formação de cidadãos mais humanos, concientes que valorizem, respeitem e convivam com as diferenças.

É muito triste ver mais crianças, jovens e adultos que assim como eu, não se reconhecem como negros, sendo deslegitimados, tendo sua história apagada. Compete a nós tentar resgatá-la e reescrevê-la, muitos já passaram e lutaram para ainda estarmos em uma situação melhor. Meus familiares não tiveram a mesma sorte e aos poucos também estão se descobrindo a partir da minha caminhada.

Por fim, é preciso romper com modelo de escolas com uma base epistemológica colonial

e eurocêntrica posto no sistema educacional brasileiro e adotando uma educação antirracista e pluriversal, com formações continuadas aos profissionais de educação que ainda não tem conhecimento destas pautas e fazendo o acompanhamento destes para garantir que a Lei 10.639/2003 seja efetivamente implementada nas escolas. E para isso compreendo a contação de história como o principal instrumento para garantir essa implementação e trazer para educação todas as histórias que não são contadas e permitir que aqueles que foram silenciados tenham a sua voz ouvida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Ibge. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e Pesquisas, informação demográfica e sócio econômica, 2019. Disponível em < [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf) > Acesso em 14 de novembro de 2020.

CARNEIRO, A. S. (2005). **A Construção do Outro como Não-Ser e como fundamento do Ser**. São Paulo, 2005 (Tese (doutorado)–FEUSP/USP).

CAPUTO. Stela. G. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com as crianças do candomblé**. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

RUFINO, Luiz & SIMAS, Luiz Antonio. **Flecha no Tempo**. 1º ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: as ciências encantadas das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.